

GEMIDO DA TRADIÇÃO: O CARRO DE BOI E O ESPETÁCULO DA FÉ NO LOUVOR AO DIVINO PAI ETERNO EM TRINDADE, NO ESTADO DE GOIÁS.

Graça Veloso*

Faculdade de Artes Dulcina de Moraes – FADM
Tradição, espetacularidade, etnocenologia.

Em trabalho de dramaturgia para o espetáculo Guaicuru – Histórias de admirar (Campo Grande, 2007), tive a oportunidade de entrar em contato com alguns aspectos da cultura Kadiwéw, ameríndios da Serra do Bodoquena, em Mato Grosso do Sul. Para aquele grupo étnico, suas histórias, guardadas pelas velhas da tribo, são divididas em duas categorias distintas: as que realmente aconteceram, e aquelas que são somente de admirar. Poderíamos perceber, então, as tradições daquele povo por uma perspectiva histórica, onde se situariam seus feitos do mundo da “realidade”, por um lado, e por outro sua teogonia e o mito de sua cosmogonia. Para sentidos menos avisados, tudo muito simples, já que estariam ali, separados, o real do imaginário. Mas não se dá bem assim.

Tanto para os Kadiwéw quanto para qualquer outro grupo, esta não é uma separação que se dá tão facilmente. Principalmente em sociedades que se caracterizam por uma forte defesa de suas tradições, como podemos constatar, por exemplo, nos chamados sentidos e de goianidade, que podem ser analisados, dentre várias outras indicações, por uma marcante tentativa de preservação de práticas e comportamentos antigos, localizados no universo de um passado fundamentalmente rural. Mesmo convivendo com a urbanização acelerada de suas maiores cidades, o goiano, assim me parece, compreende essas questões muito por uma idealização de manutenção de suas tradições mais antigas. Dessa forma se explicam vários componentes da culinária, da música, das relações de vizinhança e da mitologia de seu povo.

Conta a lenda que o Estado de Goiás foi conquistado, por volta de 1722, através de um gesto de “heroísmo” de Bartolomeu Bueno da Silva. Durante o ciclo do ouro, encontrando o precioso metal em terras ocupadas pelos índios Araés (pertencentes ao tronco dos *jês*), o bandeirante enfrentou também, por parte dos antigos habitantes da região, uma resistência natural de defesa de seu território. Para mostrar aos *silvícolas* os seus *poderes sobrenaturais*, lançou mão o “destemido” conquistador de um grandioso e espetacular artifício. Com uma bacia de aguardente, aquele que se tornaria mais tarde um dos grandes “heróis” da expansão territorial do Brasil nos rumos da região Centro-Oeste, afirmou aos “ignorantes” selvagens que se eles não se submetessem aos desígnios da coroa portuguesa, ele, o “Anhangüera”, incendiaria todos os rios e lagos. Esta submissão significava indicar a localização das jazidas de ouro do local. Grandioso e espetacular foi também o gesto de espanto dos que assistiam à “fenomenal” representação daquele homem estranho, postando-se de rosto no chão em reverência ao “Anhangüera” (Diabo Velho).

* Graça Veloso (Jorge das Graças Veloso) é Doutor em Artes Cênicas pela UFBA, ator, diretor, dramaturgo e professor de teatro na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, em Brasília.

Se pensarmos os “fatos” acima narrados pela ótica de minha citação aos Kadiwéw, estão eles localizados no mundo das histórias que aconteceram. Só que, por seu grau de aproximação do que poderíamos definir como mitos, talvez essa narrativa possa ser compreendida muito mais por seu parentesco com as outras histórias, as de admirar. Como aquela que explica as maneiras de se tornar um bom violeiro, outro dos saberes e fazeres considerados como atestado de pertencimento ao mundo dos goianos.

Diz a lenda que quem quiser ser um grande violeiro deve pegar, com a mão direita, um filhote de cobra coral preta e branca (venenosa), e com ele executar um ritual que consiste em prendê-lo com o polegar e o indicador, segurando-o pelo pescoço, deixando o bicho passear com o corpo por entre os outros dedos. Depois, com a ponta de cada um dos dedos da mão esquerda, acariciar todo o corpo da pequena serpente, soltando-a em seguida no mesmo lugar em que foi capturada. Caso termine o ritual sem ser ofendido, o pretendente já pode se considerar um bom violeiro. Para completar, a dedeira ou palheta, com a qual vai se tirar o som da viola, deve ser feita de chifre de boi, numa sexta-feira, antes do nascer do sol.

Os que assim crêem são espíritos capazes de construir imagens de uma cidade inteira sobre um lago ocupado por uma serpente gigante que, como castigo a um determinado pecado, sairá de sua toca, provocando um enorme terremoto em que sucumbirão todos os pecadores do lugar¹. Apesar de serem esses, também, os mesmos que convivem com shows musicais ou mega-eventos religiosos que juntam, num mesmo espaço, simultaneamente, mais de um milhão de pessoas.

Dizem ainda os costumes, localizados no universo daqueles chamados de “de verdade”, do interior do estado, principalmente no meio rural, que “goiano, goiano mesmo” tem que ir a Trindade, durante a festa do Divino Pai Eterno, um dos mega-eventos acima citados. E tem que assistir ao desfile de carros de boi que ali acontece na semana das novenas de adoração a essa divindade, tão cara a seus habitantes.

Para discutir o sentido de espetáculo desse desfile, recorro às proposições da etnocenologia para as práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados (PCHEO), seu objeto de estudo. Armindo Bião (1999) as localiza em três grupos distintos: os conjuntos das artes do espetáculo, dos ritos espetaculares e um terceiro, mais complexo, das formas cotidianas que são repetidas rotineiramente num mesmo espaço. São no campo desses três grupos que se localizam as noções de teatralidade e espetacularidade. No primeiro caso, o sujeito age e se comporta para a alteridade, com uma consciência mais ou menos clara mais ou menos confusa de organizar-se para o olhar do outro. Já espetacularidade, ainda para Bião, é quando o sujeito toma consciência clara, reflexiva, do olhar do outro e de seu próprio olhar alerta para apreciar a alteridade.

Na ambiência das tradições goianas, principalmente nas pequenas cidades e no meio rural, ainda é possível se ouvir falar em “gemido” ou “cantiga” do carro de boi, referência ao som produzido

pelo atrito do eixo de madeira daquele meio de transporte com as peças dos cocões e dos chumaçosⁱⁱ. O que mais desperta meu interesse pelo desfile desse arcaico meio de transporte brasileiro na Festa da Trindade (assim o goiano fala), é o fato de que este é um evento de dimensões espetaculares. É comparável a muitos outros, localizados em cidades de forte apelo turístico, como, por exemplo, as cavalhadas de Pirenópolis ou as Congadas de Catalão, ambos no Estado de Goiás. E, principalmente, pela sua localização. Trindade está situada na região da Grande Goiânia, a 18 km da capital e a menos de 250 km de Brasília.

Na semana que antecede ao primeiro domingo do mês de Julho, dia de encerramento dos festejos do Divino Pai Eterno, centenas de carreiros, vindos de vários lugares do estado, realizam aquilo que é considerado como o maior desfile de carros de boi do Brasil. Muitos deles terão percorrido até cem quilômetros para chegar à chamada Capital da Fé. Guiados por um carro alegórico, com a imagem do Divino Pai Eterno, centenas de carreiros fazem uma grande romaria pelas ruas da cidade, até o Carreiródromo Municipal Ada Cira, onde é feito o desfile oficial, para dezenas de milhares de espectadores. Em 2008, esses números chegaram a mais de 300 carros desfilando para aproximadamente cinquenta mil pessoas.

Está exatamente na formatação atual do desfile uma das maiores preocupações daqueles que vêem no crescimento do evento um afastamento de suas características originais, de manifestação de adoração religiosa. A melhor resposta a esta questão é o fato de que qualquer manifestação cultural, por mais antiga e tradicional que seja, só tem possibilidade de permanência a partir da capacidade de agenciamento transcultural de seus praticantes. É inegável a implicação dos grandes eventos de outras localidades, midiáticos de forma cada vez mais atraente, sobre a Festa da Trindade. Este festejo teve seu início registrado em 1840, quando um casal de lavradores encontrou um medalhão de barro de aproximadamente oito centímetros, representando a Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria no céu, que, segundo consta, começou a fazer milagres.

Como o principal meio de transporte da região, naquele tempo, era o carro de boi, muitos o usavam geralmente para conduzir até lá seus doentes, na esperança de curas miraculosas. Assim foi fundada a tradição. Atualmente, entretanto, sua permanência deve-se a uma visibilidade cada vez maior, que agrega prestígio e outros significados aos participantes, principalmente os encontros sociais, num verdadeiro exercício de convivência com a alteridade. E isto se dá, como sempre acontece nas manifestações culturais que sobrevivem ao passar do tempo, pela capacidade que os responsáveis pelo evento têm de se adaptar a uma permanente demanda de atualização, feita pelo próprio grupo social que o mantém vivo e em permanente fortalecimento.

REFERÊNCIAS

BIÃO, Armindo. Aspectos epistemológicos e metodológicos da etnocenologia: por uma Cenologia Geral. In: **Memória ABRACE I**: Anais do I Congresso Brasileiro de Pesquisa e pós-graduação em Artes Cênicas, Salvador: UFBA, 1999; p. 364 – 367.

VELOSO, Jorge das Graças. **Benedito**: imaginário e tradição no interior de Goiás e o teatro gestual da Cia dos Homens. Brasília: Thesaurus, 2008.

ⁱ As narrativas acima estão também registradas em VELOSO, Jorge das Graças. **Benedito**: imaginário e tradição no interior de Goiás e o teatro gestual da Cia dos Homens. Brasília: Thesaurus, 2008.

ⁱⁱ Cocões são as quatro peças de madeira presas à mesa do carro de boi por entre as quais gira o seu eixo. Já o chumaço é uma espécie calço ou cunha, produzido de madeira macia, que força o atrito com o eixo, resultando no som conhecido como “cantiga do carro”.